

TRIGO

8 de fevereiro de 2017

INTRODUÇÃO - PROGNÓSTICO PARANAENSE.....	1
SITUAÇÃO MUNDIAL.....	2
PRODUÇÃO.....	2
CONSUMO E ESTOQUES.....	2
PREÇOS.....	3
SITUAÇÃO CONESUL.....	3
PRODUÇÃO.....	3
CONSUMO E ESTOQUES.....	4
SITUAÇÃO NACIONAL.....	5
PRODUÇÃO.....	5
CONSUMO E ESTOQUES.....	5
EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES.....	6
SITUAÇÃO ESTADUAL.....	7
PRODUÇÃO E CONSUMO.....	7
IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES.....	7
PREÇOS E CUSTOS.....	8

INTRODUÇÃO - PROGNÓSTICO PARANAENSE

Está chegando o momento dos triticultores decidirem a área a ser plantada nesta safra. Possivelmente teremos uma área menor do que a do ano anterior, repetindo o movimento observado nas últimas duas safras.

Estruturalmente, os motivos do recuo de área são os mesmos: dificuldade de escoamento da produção devido a concorrência com países vizinhos e os avanços tecnológicos que propiciam a possibilidade de substituição do trigo pelo milho em uma área cada vez maior.

Pontualmente, a redução de área é explicada pela rentabilidade projetada, que neste ano traz margens menores que em 2016 em virtude da queda dos preços.

Diferentemente do começo de 2016, o desânimo dos produtores é relativo aos preços, e não às produtividades, pois de maneira geral tivemos uma excelente safra. Porém, as dificuldades de comercialização enfrentadas nos últimos meses pesam

negativamente, pois os produtores venderam parte da sua safra em valores, em média, 12% abaixo dos custos variáveis.

Apenas a negociação antecipada da safra poderia garantir uma manutenção da área, porém isto dificilmente acontecerá dada a possibilidade de os Moinhos adquirirem o cereal a preços baixos em países vizinhos, como vem acontecendo com o produto de origem paraguaia e argentina. Isto pode se intensificar ainda mais caso a trajetória de valorização do Real se mantenha.

Em detrimento do trigo, o milho de segunda safra deverá ser a primeira opção para os produtores situados em regiões aptas. Há produtores que deverão enfrentar dificuldades em se adequar a janela de plantio, pois parte da soja que já deveria estar colhida ainda está em campo devido à temperatura mais fria que atrasou o seu ciclo. Isto pode limitar o recuo de área de trigo no Paraná de maneira geral, mas dificilmente evitará a retração no plantio.

SITUAÇÃO MUNDIAL

Produção

A produção mundial atingiu 753 milhões de toneladas, valor recorde apesar de uma diminuição de 3,3 milhões de hectares plantados, conforme Figura 1. Estes dados do USDA apontam o quarto recorde consecutivo.

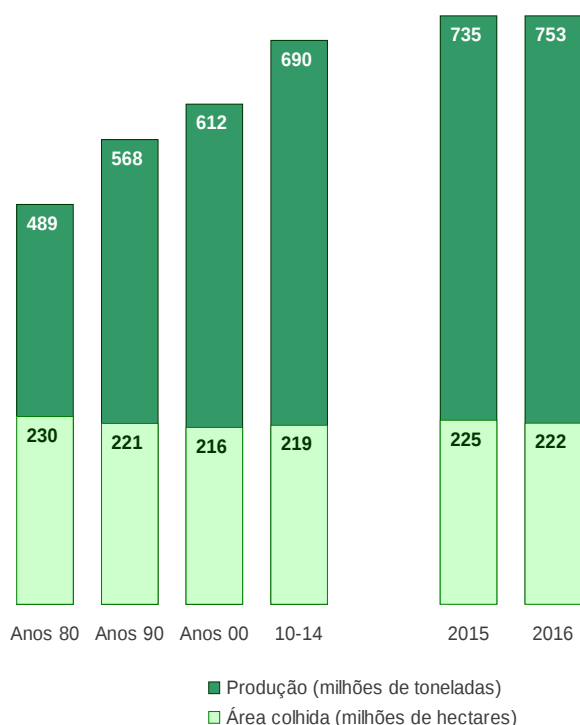


Figura 1 - Mundo: Área e Produção de trigo
(Fonte !!br0ken!!)

O impulsionador da produção foi a produtividade, que atingiu 3,4 toneladas por hectare, valor que também foi recorde. Destaca-se a Rússia, que incrementou sua produtividade de 2,4 para 2,7 toneladas por hectare gerando uma produção de 72,5 milhões de toneladas em 2016¹, 11 milhões superior a do ano anterior. A Austrália, os EUA e o Canadá também tiveram importantes aumentos de produção. A União Europeia teve uma diminuição de produção devido a problemas com chuvas na colheita

em seus principais países produtores: França, Reino Unido e Alemanha.

A redução de área ocorrida em 2016 mostrava que o mercado procurava reduzir a oferta, para adequar os preços. Porém, mesmo com a diminuição de área tivemos incremento de produção. Isto certamente levará os tricultores a procurarem adequar novamente suas áreas, devido a uma maior disponibilidade do cereal. Apesar disto, a primeira estimativa mundial mostra uma redução marginal da área. O IGC aponta uma diminuição de apenas 300 mil hectares, projetando 221 milhões de hectares semeados.

As principais mudanças na semeadura são esperadas nos EUA, que devem plantar sua menor área em 108 anos. A princípio, o decréscimo será compensado por aumentos nas áreas indianas, da região do Mar Negro e do Norte da África. Estes dados são do IGC, que também apontam a manutenção de área na China e União Europeia.

Baseando-se nesta projeção de área, não seria incoerente afirmar a possibilidade de repetirmos em 2017 a produção verificada em 2016, pautada em uma retomada da normalidade das produtividades na Europa compensando possíveis reduções de área.

Consumo e Estoques

A relação estoque-consumo mundial atingiu 34% em 2015, o maior nível desde 2002. Apesar de ainda sujeita a alterações, esta relação deve se manter neste mesmo patamar em 2016. Isto se deve a sucessivas safras em que a produção vem superando a demanda; as últimas quatro safras recompuseram 75 milhões de toneladas aos estoques mundiais.

¹ Os dados citados como 2016 são sempre referentes ao ano comercial 2016-2017.

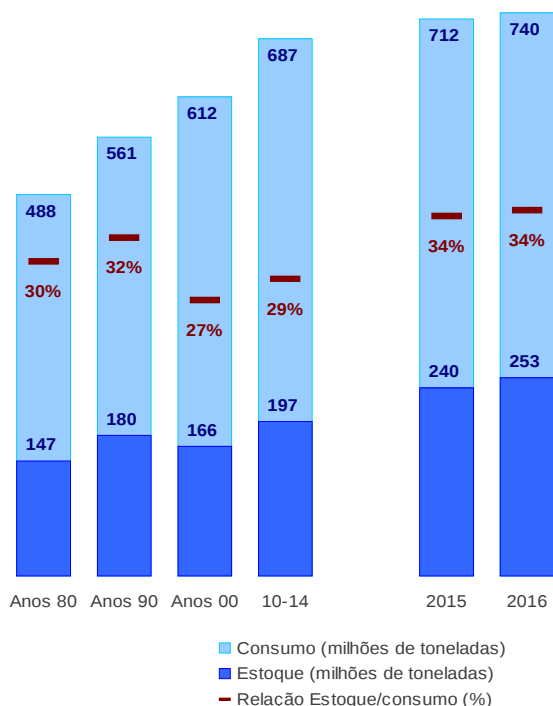


Figura 1 – Trigo no mundo: Consumo, estoques e sua relação. (Fonte USDA)

Isto mantém o cenário de tranquilidade para o abastecimento já verificado nos últimos anos, pois desde 2013 a relação estoque-consumo está acima da média histórica de 29%.

Preços

A ampla recomposição dos estoques das últimas safras continua pressionando os preços, como pode ser observado na Figura 3. Na Argentina e nos EUA os preços de referência atingiram os menores valores desde 2006, segundo dados da FAO.

Os indicadores de manutenção da área para o ano comercial 2017-18 não

colaboram para uma retomada de preços. Os EUA tem perdido espaço no comércio mundial de trigo, e nesta safra foram suplantados pela Rússia em volume exportado. Como os EUA devem diminuir a área plantada e a Rússia deve aumentar, esta situação deverá se consolidar nesta safra.

Neste momento apenas as condições climáticas dos plantios de inverno podem gerar oscilações positivas para a cultura do trigo, ou revisões importantes na área plantada.

Tal qual no ano anterior os compradores de trigo, observam que com o viés de baixa e a oferta e demanda sem fatores expressivos que as alterem, as compras poderão ser feitas paulatinamente, de acordo com a necessidade.

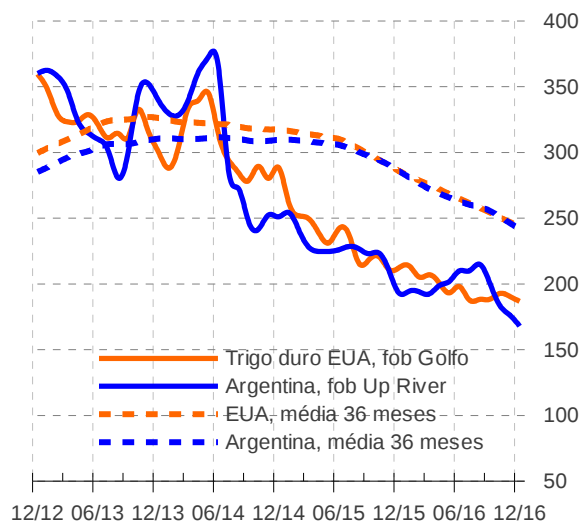


Figura 2 - Preços internacionais de trigo: Argentina e Estados Unidos (Fonte: FAO)

SITUAÇÃO CONESUL

Produção

A área plantada nos países da região (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) vem buscando se ajustar nas últimas décadas. As constantes alterações em políticas para o setor vem causando

instabilidade, dificultando a tomada de decisão por parte dos produtores. As produções refletem esta volatilidade, situação que é agravada pelo clima.

Apesar das constantes mudanças, o Paraguai tem conseguido ganhar espaço, com uma trajetória relativamente estável,

ainda que incipiente. Segundo dados do USDA, o Brasil participou na última safra com 27% da produção, número abaixo dos alcançados na década de 80 porém mantendo a tendência de aumento dos últimos anos. Quem perde com estas ascensões é a Argentina, que antes de 80 superou 80% de participação na produção regional, mas atualmente não chega a 60%.

As recentes mudanças nas políticas argentinas podem mudar novamente estas trajetórias.

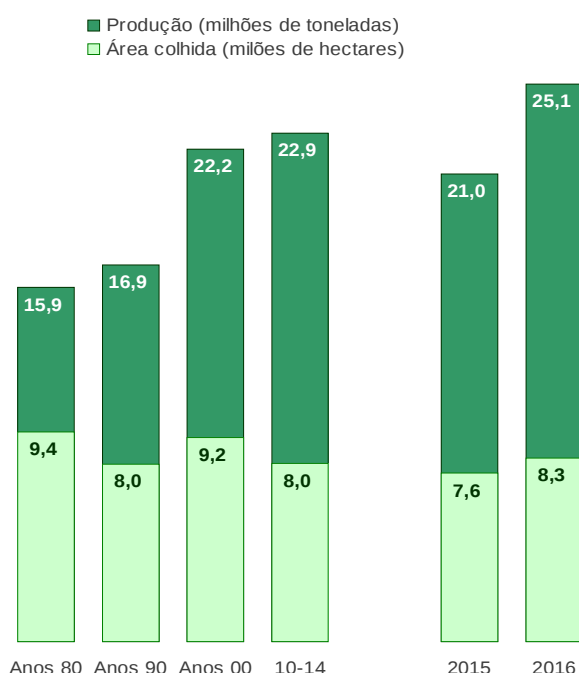


Figura 3 - Trigo no Conesul: área e produção (Fonte USDA)

Juntos os países plantaram uma área de 8,26 milhões de hectares e produziram 25,08 milhões de toneladas. Tanto a área como a produção são maiores que no ano anterior (9% e 19%, respectivamente), e colaboraram para o quadro de aumento de estoques locais e mundiais. Especificamente, destaca-se o incremento de área na Argentina (24%), resultando em um aumento de produção de aproximadamente 4 milhões de toneladas, para 15 milhões de toneladas.

Consumo e Estoques

A boa oferta regional não foi acompanhada proporcionalmente pela demanda, que aumentou 6% segundo o USDA. O saldo gerado pode ser exportado, proporcionando uma oportunidade para a Argentina retomar as negociações com mercados de fora do Mercosul.

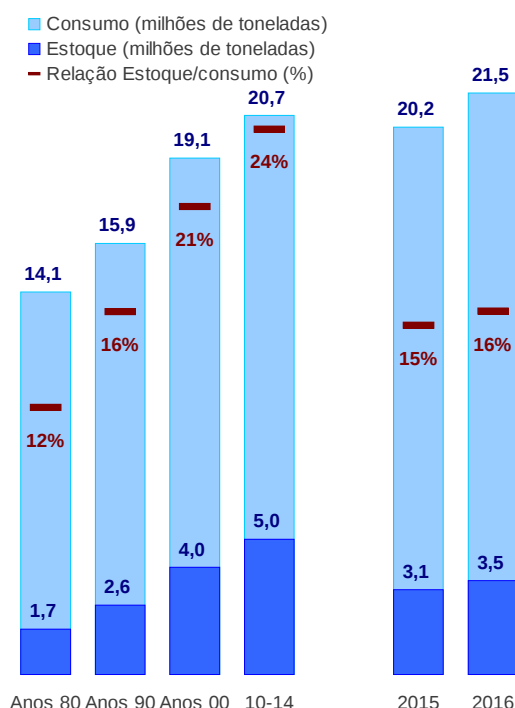


Figura 4 - Conesul: consumo de trigo, estoques e sua relação (Fonte USDA)

Caso as exportações esperadas se confirmem, a região manterá seus estoques baixos, o que pode contribuir para um incremento rápido dos preços caso haja possibilidade de oferta menor regionalmente, ou mesmo alguma alteração significativa no cenário externo. Por outro lado, se as exportações não se confirmarem em sua totalidade, poderemos ter um aumento dos estoques, que estão abaixo dos patamares da primeira década do século, como pode ser observado na Figura 5.

SITUAÇÃO NACIONAL

Produção

O Brasil produziu uma safra de 6,7 milhões de toneladas, a maior da história segundo a CONAB. Esta produção superou o recorde estabelecido em 1987, quando o Brasil produziu 6,1 milhões de toneladas. Contudo, há uma grande diferença: a área semeada em 1987 era de 3,4 milhões de hectares, contra a área atual de 2,1 milhões de hectares.

A diferença apontada no parágrafo anterior mostra o aumento de tecnologia expressivo no Brasil, ainda mais quando observa-se que as compras estatais em 1987 faziam com que o produtor mirasse a produtividade em detrimento da qualidade do cereal, pois havia mercado garantido.

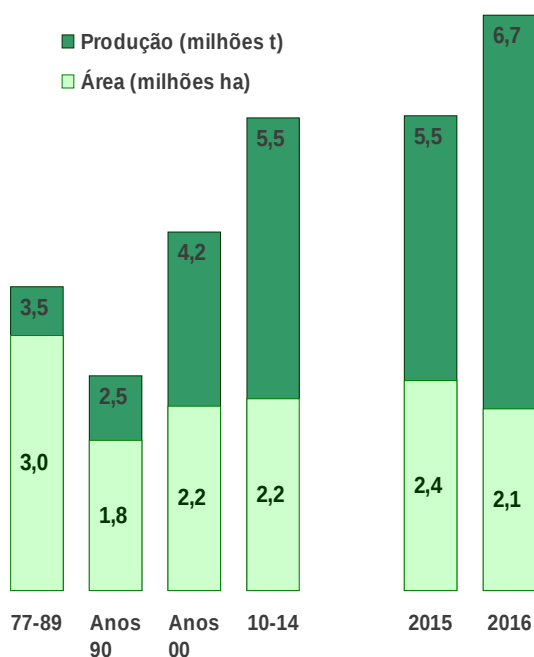


Figura 5 - Trigo no Brasil: área e produção
(Fonte: CONAB)

Além da maior oferta, a safra apresentou uma melhor qualidade neste ciclo, pois não houve geadas, nem chuvas concentradas na colheita, a ponto de interferir negativamente nos resultados gerais do trigo.

O Paraná e o Rio Grande do Sul continuam sendo os grandes estados tritícolas no Brasil, concentrando aproximadamente 90% da produção nacional.

Para 2017 espera-se uma redução de áreas e, consequentemente, de produção, já que as produtividades nesta safra foram excepcionais e dificilmente serão superadas em um período curto de tempo.

Consumo e Estoques

De acordo com a CONAB o consumo deve crescer 3% em 2016 registrando 10,7 milhões de toneladas, depois de dois anos de recuo. Em 2013 o volume foi de 11,3 milhões de toneladas, ápice do consumo e 6% superior ao volume atual.

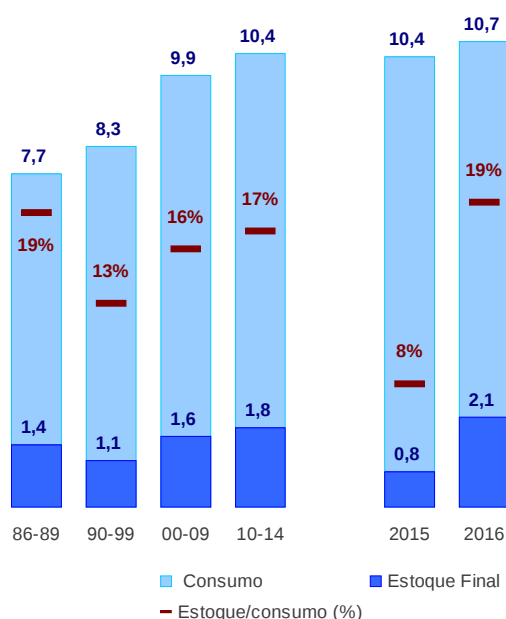


Figura 6 - Trigo Nacional: consumo, estoques e sua relação
(Fonte: Ctrín, Conab)

Neste ano o consumo nacional foi suprido por uma parcela mais significativa de produto local, novamente. Estima-se que 56% do trigo consumido tenha sido colhido em território brasileiro, percentual que está

acima da média pós 90, que é de 36%, apesar de ainda não estar nos patamares anteriores a privatização das compras (70%).

Os estoques nacionais tiveram uma recomposição neste ano, com os moinhos aproveitando os baixos preços internacionais para importar; bem como pela maior oferta interna de trigo. A relação estoque consumo saltou de 8% em 2015 para 19% em 2016, o que pode possibilitar que os moinhos retardem as compras na próxima safra em aproximadamente um mês.

Por parte do Governo Federal, não houve formação de estoques. Esta, quando acontece, normalmente é feita via Aquisições do Governo Federal (AGF), porém esta modalidade de apoio não foi utilizada pelo Estado até o momento, que preferiu direcionar recursos para o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro) e para o Prêmio para Escoamento de Produto (PEP). Os instrumentos foram mais eficientes para amenizar as dificuldades de comercialização no Rio Grande do Sul, onde os valores estavam mais depreciados do que em outros estados.

Exportações e Importações

As exportações caíram neste ciclo, o que reflete a maior disponibilidade internacional. Apesar da projeção de que sejam exportadas 700 mil toneladas de trigo, este número ainda é uma incógnita devido a recuperação argentina, australiana e indiana, que devem concorrer com o trigo brasileiro no exterior. Cabe lembrar que o período compreendido para CONAB para 2016-2017 vai até julho de 2017. Os principais mercados de destino no ano anterior foram as Filipinas, o Vietnã e a Colômbia.

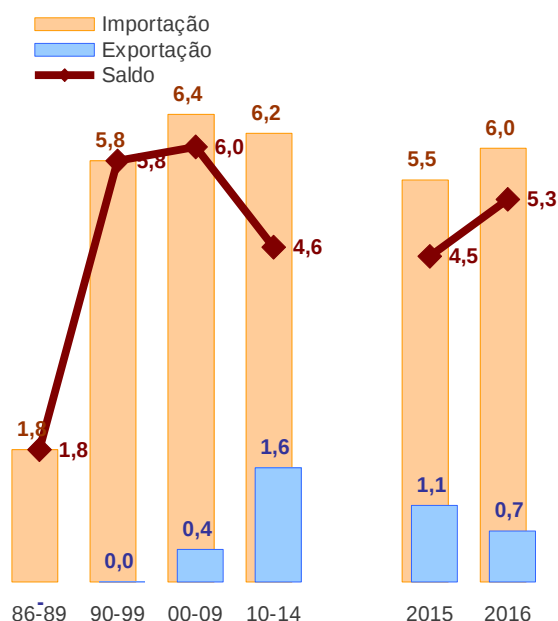


Figura 7 – Balança comercial de trigo no Brasil (Fonte: CTRIN, CONAB)

As importações devem crescer (como pode ser observado na figura 8), apoiadas no momento de cotações baixas, chegando a 6 milhões de toneladas até junho de 2017, segundo a CONAB. Porém, dado o ritmo atual de importações, não seria surpreendente que o volume comprado fosse superior a este.

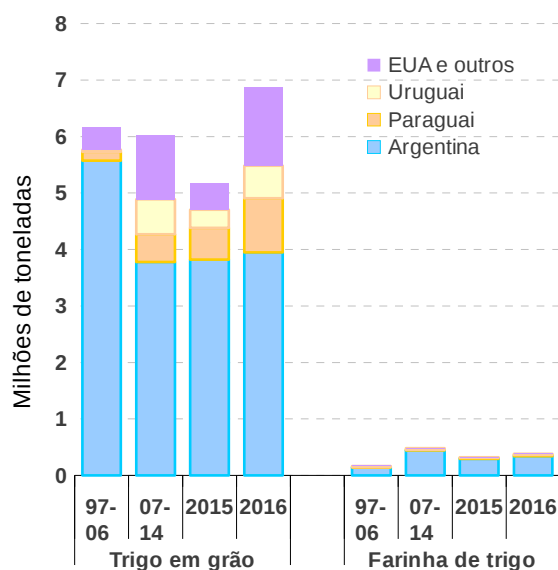


Figura 8 - Origem das importações brasileiras de trigo (Fonte: SECEX)

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior de 2016 (ano civil) mostram que os embarques de origem argentina praticamente se mantiveram este ano, com um volume levemente maior de farinhas e levemente menor de grãos de trigo. O Paraguai, com recuperação da safra, aumentou o volume vendido ao Brasil, e consequentemente sua participação, mantendo a trajetória já observada ao longo da série histórica. Por

fim, os Estados Unidos surpreenderam, conseguindo aumentar suas exportações em relação a 2015, mesmo com o já esperado aumento de oferta no Mercosul.

As farinhas também tiveram maior entrada neste ano, mas continuam abaixo dos patamares de 600 mil toneladas, atingidos no final da primeira década deste século.

SITUAÇÃO ESTADUAL

Produção e Consumo

O destaque de 2016 para o trigo paranaense foi a produtividade. Pela primeira vez na história o DERAL estimou que a média poderia passar das três toneladas por hectare. Esta previsão se confirmou, com a média de produtividade chegando a 3,16 toneladas por hectare. As médias de produtividade chegaram a 4 toneladas nos Regionais de Laranjeiras do Sul, Guarapuava, Ponta Grossa e Curitiba. No entanto, na região Norte as produtividades ficaram abaixo do esperado, devido ao tempo seco na época de plantio.

Devido a essas produtividades, apesar da redução de área ocorrida em 2016, a produção desta safra foi próxima a do ano anterior, chegando praticamente aos 3,5 milhões de toneladas. O Paraná continua sendo o maior estado produtor de trigo, com 51% da produção nacional.

Esse volume produzido no Paraná é suficiente para suprir os moinhos paranaenses (que formam o maior parque moageiro do Brasil) e mais de metade da necessidade do parque moageiro paulistano (segundo maior do país). A qualidade do produto paranaense foi melhor do que a do ano anterior, pois não houve geadas nem chuvas na colheita, fato que também contribui para o aproveitamento local do trigo.

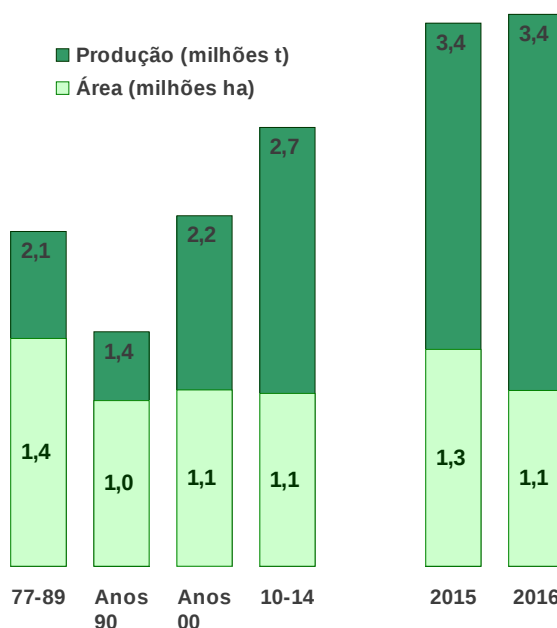


Figura 9 - Trigo no Paraná: área e produção

Importações e Exportações

As exportações paranaenses no ciclo anterior (15/16) representaram menos de 5% do total produzido, devido a forte demanda interna do estado e dos paulistanos. Para este ciclo (16/17) dificilmente este valor será superado, até dezembro não havia registros de exportações de trigo paranaense. Neste ano devemos encarar forte concorrência de outros países no embarque para o Sudeste Asiático, região na qual mantivemos negócios desde 2014.

Apesar da boa produção local, a importação de trigo no Paraná mais que

dobrou, devido aos baixos preços do cereal importado. A principal origem foi paraguaia, seguida pela argentina e americana, conforme figura 11.

As importações paraguaias continuam sendo destaque, tanto pelo volume de trigo quanto aumento de expressão das farinhas. Estas últimas foram próximas de 13 mil toneladas, um recorde para os paraguaios, ainda que estejam bem abaixo das mais de 113 mil toneladas de farinha argentina que chegaram ao Paraná em 2016.

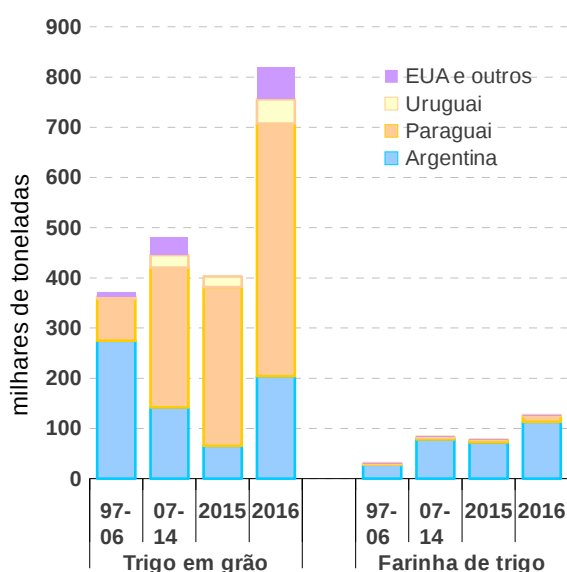


Figura 10 - Origens das importações paranaenses em 2013

Preços e Custos

Os triticultores paranaenses receberam, em média, R\$33,13 por saca de 60kg em janeiro de 2017. O valor é insuficiente para cobrir os custos variáveis estimados em mais de R\$40,00 a saca de trigo no momento do plantio.

O preço estabelecido pelo governo federal, que entre outros parâmetros leva em consideração o custo variável, está estabelecido em R\$ 38,65 a saca. Ou seja, superior a média atual no Paraná, situação esta que perdura desde o início da safra, em setembro de 2016, conforme figura 12.

Apesar disto o apoio do Governo Federal ao estado foi limitado, devido a maior dificuldade dos produtores do Rio Grande do Sul.

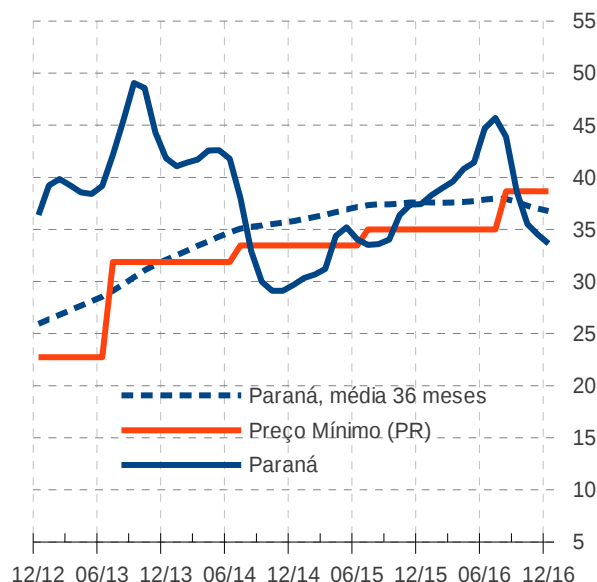


Figura 11 - Evolução dos preços da saca (60kg) de trigo no Paraná

Com uma produtividade maior, o cultivo do milho tende a ser mais favorável que o de trigo nas regiões aptas a safrinha. Na última década estima-se que apenas em duas oportunidades a lucratividade do trigo esteve melhor do que a do milho, o que tem levado a uma substituição ao longo dos anos, conforme aumenta a precocidade das cultivares e a eficiência do plantio.

Atualmente os preços paranaenses em Dólar estão similares ao mercado internacional, diferentemente de 2015, quando estiveram descontados devido a forte desvalorização do Real. Em 2016, com a trajetória de valorização do Real, as importações se intensificaram, principalmente no segundo semestre, forçando uma adequação dos preços no estado.

A comercialização está mais lenta do que em anos anteriores. Colaboram para isto a recente valorização do Real, que possibilita a compra de trigo com cotações bastante depreciadas no mercado internacional.